

A CORAGEM DO PAPA BENTO XVI É UMA LIÇÃO PARA OS PRELADOS ASIÁTICOS

Pontífice será lembrado, senão por sua teologia, por sua ousada renúncia

de Felix Wilfred

Enquanto o mundo inteiro chora a morte do Papa Bento XVI, que deixa uma marca indelével como um notável intelectual e teólogo, queremos recordar como sua teologia chegou aos povos da Ásia. O problema com Ratzinger foi que ele transformou suas posições teológicas pessoais – que se tornaram cada vez mais estridentes, reacionárias e de direita – na posição oficial da Igreja sem distinguir suficientemente os dois papéis.

Algumas dessas opiniões pessoais eram problemáticas. Mas então ele viu sua teologia como “a” teologia oficial da Igreja, que ele poderia impor na Ásia e em outros lugares, graças à sua poderosa posição como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (CDF). Isso foi algo bastante desconcertante para as Igrejas e teologias asiáticas.

A condenação da obra de Jacques Dupuis, os escritos de Antony D'Mello postumamente, a excomunhão de Tissa Balasuriya e os processos instaurados contra vários outros teólogos asiáticos foram recebidos na Ásia como uma imposição das visões teológicas pessoais de Ratzinger como as visões ortodoxas de a Igreja oficial.

O documento *Dominus Iesus*, foi visto na Ásia como uma tentativa de conter o florescimento da teologia criativa neste continente.

Ratzinger via o diálogo com o mundo, sua modernidade e evolução como um compromisso com caminhos ímpios.

A teologia de Ratzinger foi profundamente influenciada por Santo Agostinho e tendeu a ser um cenário dualista em oposição ao mundo e à Igreja, Cristo, cultura, ciência e teologia, e assim por diante.

Ratzinger destacou o estado decaído da humanidade devido ao pecado original. Não é de admirar que em seu discurso inaugural após assumir o cargo, ele tenha falado sobre como “a raça humana – cada um de nós – é a ovelha perdida no deserto que não conhece mais o caminho”. A Igreja é, para ele, a verdadeira desbravadora do deserto. Como prefeito da Congregação da Doutrina da Fé, em 1990, ele até parecia justificar o julgamento de Galileu e sua condenação pela onisciente Igreja, o que deixou muitos cientistas e estudiosos horrorizados.

Mas então o Papa João Paulo II, depois de dois anos, pediu desculpas pelo erro que a Igreja cometeu no caso do Galileu, que pacificou até certo ponto a comunidade científica. Ratzinger via o diálogo com o mundo, sua modernidade e evolução como um compromisso com caminhos ímpios, pois, para os cristãos, o mundo é apenas um exílio – a cidade do homem esperando pela cidade de Deus. Graças à herança agostiniana que absorveu à sua maneira, a teologia de Ratzinger tornou-se bastante reacionária aos desenvolvimentos do mundo e não estava pronta para ouvir o falar de Deus através do mundo e os sinais dos tempos.

Semelhante à teologia dialética protestante de Karl Barth, Ratzinger criou uma oposição entre a Igreja que é o *locus* da revelação de Deus e o mundo onde a Igreja tem a obrigação de proclamar a verdade e reformá-la. Como disse em seu sermão na missa inaugural de seu pontificado, “a Igreja guarda em si o futuro do mundo, portanto indica a cada um de nós o caminho para o futuro”.

Esta Igreja era, para ele, principalmente a Igreja Universal, com pouco reconhecimento dos diversos contextos, culturas e circunstâncias históricas das igrejas locais. Em um documento que emitiu como prefeito, ele havia dito: “a Igreja Universal ... tem precedência, ontológica e temporalmente, sobre as igrejas locais individuais”.

Tal visão também fundamenta suas políticas e ações como papa em relação às igrejas locais. Não admira que, durante o seu pontificado, as igrejas asiáticas sentissem que não gozavam da legítima autonomia e liberdade sobre as quais o Vaticano II falou em termos inequívocos.

O dualismo agostiniano na teologia de Bento está em flagrante contraste com a visão asiática integral e holística da realidade

Ele se sentiu obrigado a defender o Vaticano II como uma continuação dos ensinamentos tradicionais e, dessa forma, deixar que sua visão e novidade fossem obscurecidas e ofuscadas, cuja evidência foi a ressurreição da Missa Tridentina em Latim.

Numa entrevista que concedeu como Cardeal Prefeito, ele compara as novas iniciativas na Igreja a um canteiro de obras onde todos constroem e onde se perde a planta arquitetônica. Sua visão centralizadora e arquitetônica da Igreja o impediu de perceber a originalidade e as novas experiências nas igrejas locais asiáticas, africanas e latino-americanas e suas contribuições únicas para a construção da Igreja. Sua oposição à teologia da libertação na América Latina e em outros lugares foi um exemplo flagrante.

O dualismo agostiniano na teologia de Bento está em flagrante contraste com a visão asiática integral e holística da realidade e o reconhecimento da bondade básica da criação de Deus e a visão asiática da condição humana.

A teologia asiática segue um caminho de busca, um caminho quando se trata da questão da verdade que supera qualquer tentativa de apreendê-la plena e definitivamente. Isso, infelizmente, tem sido frequentemente caracterizado como relativismo.

Quando o cardeal Ratzinger, em seu sermão fúnebre para João Paulo II, denunciou “a ditadura do relativismo”, pode-se imaginar o rumo que seu pontificado tomaria. Quando disse essas palavras alguns dias antes de sua eleição, provavelmente tinha em mente, entre outras coisas, uma abordagem teológica asiática.

Os teólogos asiáticos e a FABC repetidamente se sentiram incompreendidos e sustentaram que o estigma do relativismo não se aplica a eles. Refletir e contemplar o mistério inesgotável de Deus permite muitos ângulos e pontos de vista e uma grande diversidade de experiências.

A teologia de Ratzinger, a meu ver, também foi matizada pelo idealismo alemão de Kant e Hegel. Ele é um exemplo de como nossos modos de pensar e teologias são condicionados por nosso próprio ambiente cultural e história.

Ratzinger pensava sinceramente que, dadas certas premissas teológicas inabaláveis, se poderia chegar a conclusões definitivas sobre a história e a realidade empírica do dia a

dia da vida sem ter que examiná-las e estudá-las de perto. É uma teoria de tudo reivindicando o monopólio da verdade. Tudo se torna tão claro e definido em sua teologia que quase não há espaço para as maravilhas e surpresas de Deus como deve haver em uma Igreja viajante. Dada essa propensão idealista em sua teologia, ele poderia pensar em tirar conclusões definitivas a priori sobre o Islã, o hinduísmo, o budismo etc., mesmo sem a necessidade de estudá-los seriamente!

Essa abordagem idealista e a priori também pode ser vista em suas visões sobre os desenvolvimentos do mundo moderno. Infelizmente, suas ideias foram exploradas por grupos e movimentos católicos de direita que tentaram impedir qualquer reforma radical na Igreja.

Ele sublinhou por meio de sua renúncia que nem mesmo o papa está livre da deterioração e enfraquecimento do corpo com o avanço da idade

Sob um manto teológico conservador espalhado por Bento XVI, o carreirismo e as lutas internas prosperaram na administração central da Igreja e vários escândalos financeiros foram gerados e começaram a mostrar suas feias cabeças no final de seu pontificado.

Embora, como observei, a teologia de Ratzinger estivesse envolta no agostinianismo e no idealismo alemão, havia alguns traços de originalidade e visão em seu pensamento. Por exemplo, olhando para a situação do cristianismo na Europa, já em 1968 ele podia supor que “a sorte da Igreja será a de um pequeno rebanho. Da crise de hoje emergirá a Igreja de amanhã — uma Igreja que perdeu muito. Ela ficará pequena e terá que começar de novo mais ou menos desde o início...”

A outra revolução radical foi sua aposentadoria, quando sentiu que suas forças físicas não davam conta da mais alta responsabilidade na Igreja.

O Papa Bento XVI será lembrado, senão por sua teologia, mas por sua ousada resignação, que é carregada de grande significado teológico para a compreensão do ministério na Igreja em todos os níveis. Foi um ato único e corajoso de deixar o cargo, servindo como um excelente precedente para o futuro. Ele sublinhou por meio de sua renúncia que nem mesmo o papa está livre da deterioração e enfraquecimento do corpo com o avançar da idade.

Acho que o que o Papa Bento fez, serve de lição para muitos prelados asiáticos que, infelizmente, se agarram às suas posições e estão colados às suas cadeiras, mesmo quando o mundo inteiro sabe que eles simplesmente não têm força física e agilidade mental para realizar suas deveres como pastores de suas igrejas locais. Ao invés de servir a Igreja, eles se tornam um fardo para a Igreja e um obstáculo para o seu futuro.

A coragem de Bento XVI se destaca em contraste com seu próprio predecessor, João Paulo II, que adotou uma “teologia da cruz”, ecoada por sua comitiva papal. Ele pensou que foi pregado na cruz para continuar seu papel primacial mesmo em extrema doença física.

Bento, com seu gesto, proclamou que ninguém – nem mesmo o mais alto ministro da Igreja – é indispensável e que a biologia é a mesma para todos os seres humanos. Nenhum elogio é alto demais para Bento XVI (por isso. – n/t.)

Fonte: <https://www.ucanews.com/news/pope-benedicts-courage-holds-a-lesson-for-asian-prelates/99893>